



ESTUDO DO ÉPICO DE GILGAMESH E SUA INFLUÊNCIA NA BÍBLIA HEBRAICA

ARTIGO ORIGINAL

FARAH, Leonardo de Castro¹

FARAH, Leonardo de Castro. **Estudo do Épico de Gilgamesh e sua influência na Bíblia Hebraica**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 10, Ed. 10, Vol. 01, pp. 46-72. Outubro de 2025. ISSN:2448-0959. Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/gilgamesh-e-sua-influencia>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/gilgamesh-e-sua-influencia

RESUMO

O objetivo deste artigo é de analisar o conteúdo do texto do *Épico de Gilgamesh*, que teria sido escrito por volta do 3º milênio antes da Era Comum, e que serviu de influências para mitologias posteriores. E desta forma, podemos inseri-lo, dentro da tese do *Monomito*, de Joseph Campbell. Nossa pesquisa é centrada no personagem, *Gilgamesh* e nas suas aventuras, que obedece ao plano mitológico, similar de outros mitos, heróis e de alguns personagens que vemos em textos bíblicos. A metodologia usada em nossa análise é basicamente bibliográfica, contando com artigos científicos e livros de antropologia, história, mitologia geral e mitologia da Antiga Mesopotâmia, com destaque nas traduções de Dr. Jacyntho Lins Brandão (UFMG): “*A Epopeia de Gilgamesh*”, o “*Enuma Elish*” e o texto assírio: “*Descida de Istar ao submundo*” descrito no livro: “*Ao Kurnugu: Terra Sem Retorno*”. E a conclusão que chegamos é que o *Monomito* é visível e observado no *Épico de Gilgamesh*, demonstrando que suas histórias influenciaram alguns textos da Bíblia Hebraica.

Palavras-chave: Gilgamesh, Mitologia, Monomito.

1. INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa tem como base a análise do *Mito de Gilgamesh*, que foi um herói lendário, da região da mesopotâmia. E para fazer esta pesquisa foi necessário entender o conceito do herói! E como ele foi criado? Para isso vamos estudar



superficialmente, a *Jornada do Herói* elaborada, por Joseph Campbell e o *Ciclo do Herói* proposto por Paul Radin (citado no livro de Feijó). Desta forma, vamos nos afastar da tese pseudocientífica de Graham Hancock, que sugere um revisionismo de mitos de povos antigos. Após completar os estudos da construção do herói, vamos, nos a ter em contar a história da descoberta, transliteração e tradução do documento: *Epopeia de Gilgamesh*, para que depois, possamos dar início análise do tema.

Quando foi analisado o texto de cunho bibliográfico, percebemos que há elementos dignos de destaque, como: as profecias e presságios que ocorrem por sonhos; o número sete usado por diversas vezes ao longo de textos mesopotâmicos; as frases repetitivas faladas por diferentes personagens no *Épico*; a busca por algo inalcançável; a formação de uma assembleia dos deuses, para aplicar a *Lei do Talião*; o fato dos deuses terem qualidades e características humanas e o retorno para sua cidade. Estas características revela um quadro mais complexo do mito a ser abordado.

1.1 O QUE É UM HERÓI? COMO ELE NASCE? E SEU CICLO

O *Herói* é um ser aventureiro, uma pessoa que aceita um desafio ou que seja imposto de forma coercitiva, que o obriga agir. Segundo Feijó (1984, p 13), as pessoas mais destacadas dentro de uma sociedade, tendo habilidades extraordinárias e *status* de semideuses, é homenageado, prestando-lhe ritos e cultos. De um modo geral, procura-se num tempo longínquo, alguém que simbolizasse os anseios daquela sociedade, daí que nasce o *Herói*. O nascimento do mito do *herói* se dá por essa origem, por sua vez é a crença de sua comunidade, seja ela tribal ou industrial.

Desta forma, ele pode ser sim, construído por sua sociedade para defender um estilo de vida ou de governo. Um bom exemplo de construção de mito foi o *Tiradentes*: Joaquim José da Silva Xavier. Assim, como Jesus, ele foi traído, por um amigo, Joaquim Silvério dos Reis e morreu enforcado por seus princípios ou por um ideal republicano e separatista.



Sabemos que a história de *Tiradentes* entre os anos de 1789-1889 foi negligenciada pela historiografia brasileira e foi marginalizada por Varnhagen, dando apenas um parágrafo, em seu livro *a História Geral do Brasil* (1857). *Tiradentes* foi condenado à morte, pelas autoridades ligadas a família real portuguesa. Entre: 1789-1889 ele era visto pelos historiadores do Império, como alguém que cometeu o crime de sedição (traição à pátria), e é por isso que foi “esquecido”.

Mas, quando aconteceu o *Golpe* de 1889 (Proclamação), o novo governo que tomou o poder sentiu a necessidade a criar: uma nova bandeira, um novo Hino Nacional, novo Brasão da República, Selo Nacional e uma pessoa, que possa simbolizar o novo governo. O escolhido foi *Tiradentes* e tornou-se: o Herói Nacional (Feijó, 1984). Para demonstrar o caráter quase divino de *Tiradentes*, muitos pintores, a pedido dos novos governantes, fizeram quadros que o comparasse com Jesus, desta forma, nas artes ambos são: barbudos, com pele clara, alto e imponente e fiel aos seus ideais e que foram traídos por um amigo. Não importa se *Tiradentes* é o Herói nacional, mas sim, a propaganda que o novo governo transmitia, sendo uma pessoa a ser seguida.

1.1.1 O CICLO DO HERÓI E O MONOMITO

Feijó (1984) citou em seu livro, que Paul Radin (1883-1959), antropólogo estadunidense havia estudado a cultura dos povos nativos norte-americanos e publicando, em 1948, sua obra: “*Ciclos de heróis de Winnebago*”, dividindo os *Heróis*, em quatro tipos:

QUADRO 1 – O CICLO DO HERÓI DE RADIN:

- | |
|--|
| 1. <u>Herói Rudimentar</u> : instintivo, infantil, desinibido, cínico e cruel, o mundo greco-romano tinha heróis com esta característica: <i>Dionísio</i> e o <i>Saci Pererê</i> (se é que ele tenha sido um herói). |
| 2. <u>Herói Fundador</u> : neste caso, o herói teria fundado um povoado, e transmite seus ensinamentos aos homens ou seria um herói contra a ordem vigente (contra o <i>Status Quo</i>), e paga um preço por sua rebeldia – caso de <i>Prometeu</i> do mito grego ou de <i>Tiradentes</i> . |
| 3. <u>Herói Valente</u> : é o mais comum, entre os heróis. Ele é valente, realiza façanhas impossíveis a homens comuns, podendo ser: <i>Buda</i> , <i>Jesus</i> , <i>Hércules</i> , <i>Quetzalcoatl</i> e <i>Gilgamesh</i> . |



4. **Heróis Gêmeos:** são heróis gêmeos de várias mitologias: *Rômulo/Reno* (Roma Antiga), *Jacó/Esau* (Hebreus), *Hunapú/Ixbalanqué* (Maias) e *Cosme/Damião* (Brasil) – nossa inferência.

Fonte: Feijó, 1984, p 18-19.

À medida que se lê sobre mitologias greco-romanas, nativas americanas, egípcias, mesopotâmicas, descobrimos que há uma correlação (um padrão). Isso não quer dizer que os povos do Antigo Egito visitaram o mundo todo para levar sua cultura, que seria o *Hiperdifusionismo*. Por exemplo, em muitas culturas existe uma estória mitológica comum, por exemplo, o tema do *Dilúvio Universal*. Só os Mesopotâmicos tiveram três versões deste evento: *O Mito de Atrahasis* (escrito em acádio), *O Mito de Ziusudra* (escrito em Sumério) e *Uta-napishtim* (babilônico, dentro do *Épico de Gilgamesh*). Os gregos também tiveram sua estória do *Dilúvio de Deucalião*, assim como, os povos originários, como: os Maias e Cherokees (Durschmied, 2004).

Alguns autores, como Graham Hancock usa o *hiperdifusionismo* para explicar que as origens das civilizações antigas, como: Egito, Mesopotâmia, Grécia, Roma e tantas outras espalhadas pelo planeta, se formaram graças a uma civilização mais antiga, datada em 12-10 mil anos, que foi destruída pelo Fim da Era Glacial (numa catástrofe global). Daí os sobreviventes, navegaram pelo mundo a fora difundindo sua cultura. Hancock chamou isso de “*memória coletiva*”, isso porque os mitos são muito parecidos. Porém há evidências contrastantes, vamos elencar apenas duas:

QUADRO 2 – CONTRADIÇÃO DA TESE DE HANCOCK:

1º ponto: Os egípcios nunca tiveram, ao longo de sua história, algo parecido com o *Dilúvio Universal* em seus registros, em comparação os povos vizinhos: Mesopotâmicos e Hebreus. A História egípcia é ininterrupta desde o período Tinita (3.100-2.686 a. C) até a chegada dos romanos (30 a. C).

2º ponto: As pesquisas realizadas pelo Dr. Joseph Campbell, explica o porquê de tantas culturas de épocas diferentes têm mitos similares, argumentando que isso, era um processo cultural como, por exemplo, o *Monomito*, pesquisa essa, que foi ignorada por Hancock.

Fonte: Farah, 2023, p 67.

Dr. Joseph Campbell (1904-1987) estudou as diversas mitologias dos povos nativos americanos e também de outros povos, deste modo, viu evidências de similaridades entre: as estórias mitológicas tendo elementos e aspectos comuns, que ele chamou



de *Monomito*[2], que seria o conceito de uma jornada cíclica, que envolve um personagem central, o *herói*, que sai de sua comunidade (ou por pressão ou por vontade) e que realiza diversas tarefas e depois de algum tempo, retorna a sua comunidade. Dr. Campbell, em seu livro: *O Herói de Mil Faces* publicado em 1949 (publicado, em 2007) e teve influências do pensamento de Carl Jung, James Joyce, em sua obra *Ulisses* e por diversas mitologias que foram comparadas.

O *Épico de Gilgamesh* é um *Monomito*. Ele foi o rei de Uruk, realizou diversos feitos tidos como impossíveis e após a morte de seu amigo, *Enkidu*, partiu numa última jornada, a procura da imortalidade, mas acaba falhando e no final, retorna para sua cidade natal. Perceba que a *Jornada do Herói*, possui diversas etapas, são elas:

QUADRO 3 – AS ETAPAS DA JORNADA DO HERÓI, A PARTIR DO MITO DE GILGAMESH:

1. O lugar: Uruk era um local estável (lar de *Gilgamesh* e sua zona de conforto).
2. A chamada aventura: através de sonhos *Gilgamesh* descobre a existência de um rival: *Enkidu*.
3. A Recusa: ocorre uma luta de *Gilgamesh* e *Enkidu*.
4. O Mentor: Ao final da luta, *Enkidu* torna-se um grande amigo e confidente de *Gilgamesh*.
5. O Herói parte para aventura: Os dois amigos, lutam contra *Humbaba* e o Touro Celestial.
6. Testes, Aliados e Inimigos: A deusa *Ishar* enviou um touro contra *Gilgamesh* que o destruiu, por isso, os deuses se reúnem, em assembleia, decidem matar *Enkidu*.
7. A Caverna: *Enkidu* morreu e *Gilgamesh* entram num Luto profundo, devido à morte do amigo.
8. A Provação: *Gilgamesh* inicia sua última jornada, rumo a obter a imortalidade.
9. A Recompensa: *Gilgamesh* encontra *Utnapishtim* que ajuda a obter a planta da eterna juventude.
10. O Caminho de volta: *Gilgamesh* perde a planta milagrosa para se tornar a imortal.
11. Ressureição: (não foi encontrado evidências no mito para esta etapa). Vamos considerar que talvez, *Gilgamesh* ao perder a planta, percebeu que a imortalidade é impossível aos seres humanos.
12. O Retorno: e finalmente, *Gilgamesh* retorna para sua cidade natal, Uruk.

Cada etapa não precisa necessariamente, obedecer à ordem. Pelo contrário, diferentes mitos, os heróis passam por etapas diferentes. Fonte: Campbell, 2007.



É muito importante dizer, que cada etapa da Jornada, não precisa seguir à risca parte por parte, vista no *Quadro 3*. Ela é método de observação e comparação das aventuras de seres semidivinos, em diversos mitos. No livro: “*O Poder do Mito*”, na entrevista de J. Campbell, por Bill Moyers, com afirmou que as “*histórias acolhem o mesmo tema universal, mas o adaptam, com sutis diferenças dependendo do particular enfoque de quem está escrevendo*” (Campbell, 2000, p 12).

1.1.2 A MITOLOGIA COMPARADA E O *AXIS MUNDI*

O *Axis Mundi*[3] é usado para estudar mitologias de vários povos, tendo elemento comum o: *centro do mundo*, podendo simbolizar *árvores sagradas*, um objeto (*totem*) ou até mesmo de um lugar. Campbell (2000, p 93) sugeriu que o *Axis Mundi* é o ponto central do encontro entre o repouso (*eternidade*) e o movimento (*tempo*). Daí seu simbolismo da união entre o *céu* (habitação dos deuses) e a *terra* (local que vivemos). E qualquer lugar pode ser um *Axis Mundi*. Em muitas culturas há uma. Por exemplo, a população de *Rapa-Nui* (na Ilha de Páscoa) era politeísta e acreditava que sua Ilha fosse o *centro do mundo*, chamando-a de: *te pito te henua* (umbigo do mundo) (Abreu, s/d, p 201). Já os Incas tinham o *Coricancha* (Templo Dourado). Segundo a tradição era o *centro do mundo* Inca, pois ali o próprio deus, *Inti* (sol), uma vez ao ano, no solstício de verão (dezembro), ficava acima do poço de água no centro do templo. Os espanhóis na tentativa de conquistar os Incas edificaram a Igreja de Santo Domingo, nas ruínas onde se localizava o Templo (Coe, Snow e Benson, 2006, p 200). “Os cristãos transformam a paisagem própria colocando seu templo, no mesmo lugar do templo alheio” (Campbell, 2000, p 99). Na cultura *Germânica-Viking*, que eram politeístas, acreditavam na existência de uma *árvore do mundo* (*Yggdrasil*), que ligava o mundo dos homens (*Midgard*) ao mundo dos deuses (*Asgard*) (Jones, 1984).

Os vikings veneravam um tronco de árvore de tamanho gigantesco que identificavam com a “*coluna universal*” que sustinha o peso do mundo. Essa árvore era o *Yggdrasil*, um imenso freixo da mitologia escandinava que suporta o universo inteiro e que é como que seu eixo (Cohat, 1991, p 110).



Existiu um mito entre os sumérios, chamado: *Canção do Huluppu de Inana*, conta a estória de uma árvore, o *Huluppu* que teve suas raízes arrancadas pelo *Vento Sul* e foi levado pelo rio Eufrates, até uma mulher que a encontrou e resolveu levá-la para Uruk, para ser plantada no *jardim sagrado*, a pedido de *Enlil*, e o texto segue dizendo: “... *Então uma serpente que não podia ser encantada. Fez seu ninho nas raízes da árvore Huluppu*[4]”. Esse trecho é semelhante ao Antigo Testamento (Gn 2:9), que temos o *Jardim do Éden*, e em seu centro, à *árvore da vida* e a *árvore do Conhecimento do bem e do mal*, tendo uma serpente. Já no mito de *Gilgamesh*, conta que o herói atravessou o *jardim dos deuses*, que continha frutos iguais a rubis, guardado por uma mulher chamada *Siduri-Sabitu* (Mella, s/d, p 62). Ali, *Gilgamesh* encontrou com o deus-sol, *Shamash*, para ver se poderia ajudá-lo a encontrar o “distante *Utnapishtim*”:

Procura *Siduri-Sabitu*, á sábia senhora da *Montanha Celeste*, ela está sentada sobre o torno no Jardim dos Deuses, junto ao Oceano e a custódia da *Árvore da Vida*. Ela poderá indicar-lhe o caminho para alcançar o distante *Utnapishtim* (Mella, s/d, p 64).

No mundo Maia, havia o *sacbé*, o “*caminho branco*”, na visão simbólica poderia representar a *Wakah-Chan* – a *árvore da vida*, que simboliza a ligação dos reinos humanos e não humanos. O que explica tanta similaridade entre os mitos seria a *psique* humana, que é a mesma em todo mundo, nossa experiência interior, ligada as emoções, como: a morte, velhice, doenças, guerras, inveja e amor – fazendo parte do nosso íntimo e conteúdo dos mitos (Campbell, 2000).

Em todo o mundo e em diferentes épocas da história humana esses *arquétipos* ou ideias elementares aparecem sob diferentes roupagens. As diferenças nas roupagens decorrem do ambiente e das condições históricas. São essas diferenças que o antropólogo se esforça por identificar e comparar (Campbell, 2000, p 54-55).

Terminada esta primeira parte de nossa análise, que foi bem superficial, na qual tratamos do conceito e da criação do *Herói* e de como se dá seu *ciclo* e *Monomito* comparada com diversas mitologias. Essas abordagens irão servir para análises futuras que faremos do *Épico*.



1.2 A DESCOBERTA E TRADUÇÃO DO ÉPICO

Sobre a descoberta e a tradução da escrita mesopotâmica teria ocorrido no século XIX, quando a Inglaterra era o maior império do mundo. O seu domínio abrangia desde Canadá até a Índia/Afganistão, partes da Ásia, Nova Zelândia/Austrália todos fazendo parte da *British Commonwealth of Nations* (Neto e Tasinafo, 2016). Nesse ambiente, destaca-se Henry Rawlinson (1810-1895), que foi militar de carreira servindo na Índia, e foi enviado até a Pérsia (Irã), exercendo o cargo público naquela região (Mella s/n). Rawlinson teve contato com a cultura mesopotâmica, ficando fascinado, com a escrita cuneiforme desejando fazer sua transliteração/tradução do cuneiforme para o inglês. Os locais haviam comentado sobre a existência da Inscrição de Dario (ou *Inscrição de Behistun*), que se encontrava numa falésia. Ali, o rei Persa, Dario I (550-486 a. C), por volta de 515 a. C, mandou escrever sua declaração usando três alfabetos de línguas diferentes, estando um no lado do outro. 1º escrito estava em persa antigo, 2º escrito estava em elamita e o 3º escrito em cuneiforme babilônio (Anônimo, 2019). Só que tinha um problema! A *Inscrição de Behistun* ficava num penhasco a uns 15 metros de altura, com 25 metros de largura. Diz a lenda, que Rawlinson e seus ajudantes fez com que ele ficasse pendurado por uma corda, para tentar ler e traduzir a inscrição (Mella, s/d). Rawlinson sabia ler o persa antigo e assim, conseguiu traduzir a escrita cuneiforme. Isso abriu as portas para novos pesquisadores, como George Smith (1840-1876), para traduzir os textos cuneiformes.

Mais ou menos nessa mesma época, Henry Layard (1817-1894) em 1846, teria escavado, em Nínive e descobriu a Biblioteca Real. Diversos textos foram descobertos, entre eles estavam: *Enuma Elish* e o *Épico de Gilgamesh*. Esse material foi levado até o Museu Britânico e foi examinado por George Smith (1840-1876), que traduziu a *Epopéia de Gilgamesh*, escrito em língua acádia, para o inglês. A importância deste texto só foi percebida 20 anos após sua descoberta, quando em dezembro de 1872, George Smith, anunciou num encontro da recém-fundada Sociedade de Arqueologia Bíblica afirmando que há “*pouco tempo atrás, descobri entre as tábuas assírias no Museu Britânico um relato do dilúvio*” (Anônimo, 2019).



Atualmente, sabemos que o *Épico de Gilgamesh* é composto por diversos textos isolados. Isso abriu caminho para novas escavações no Oriente Médio e nas últimas décadas, graças, a arqueologia foi descoberto novas tabuletas de argila, que narra suas aventuras. Vamos elencar apenas cinco poemas, que foram compilados separadamente e que mais tarde foram agrupados num único texto, são eles:

QUADRO 4 – OS TEXTOS ISOLADOS SOBRE AS AVENTURAS DE GILGAMESH:

1. *Gilgamesh* e a Terra dos Vivos.
2. A Morte de *Gilgamesh*.
3. *Gilgamesh* e Touro do Céu.
4. *Gilgamesh*, *Enkidu* e o Mundo Inferior.
5. O Sonho e a Morte de *Enkidu*.

Fonte: Anônimo, 2019, p 22-23.

Jacyntho Brandão (2015) da UFMG sugere em um de seus artigos publicados pela revista da UNI-BH, que *Sîn-lēqi-unninni* teria sido, o autor da versão babilônica mais bem preservada, completa e conhecida do *Épico de Gilgamesh*, escrito entre 1300-1000 a. C (a qual foi o tradutor)[5]. Mas nossa análise é centrada na versão inglesa de Nancy Sandars. É importante frisar que o *Épico* em si teria sido escrito originalmente, no 3º milênio a. C, no apogeu de Uruk, que era o centro nervoso da Suméria. Foi ali que se desenvolveu: a urbanização, o comércio, a escrita cuneiforme, a religião com templos (*Eana*) e composta por um clero.

1.3 AS FACES DE GILGAMESH

1.3.1 SUA PATERNIDADE

A paternidade de *Gilgamesh*, que é um problema, pois muitos tabletes de argila encontrados estão incompletos ou difíceis de traduzir. A versão de *Sîn-lēqi-unninni* não cita, especificamente, como se deu seu nascimento, mas, há outros textos mais antigos, que abordam esse assunto. Segundo a Dra. Alhena Gadotti (2014) da



Universidade de Towson sugere que os manuscritos mais antigos do *Épico*, informam que o pai de *Gilgamesh* era desconhecido, mas, textos recentes como, neoassírios (934-605 a. C), menciona *Lugalbanda* como seu pai legítimo. O nome significa: “*rei jovem/feroz*”. Ele era *pastor* (líder) e tornou-se rei de Uruk, sua origem e sua vida são incertas. Sabemos que ele é citado no *Épico* e na *Lista dos Reis da Suméria* que governado a cidade por 1.200 anos[6]. Já a mãe de *Gilgamesh* era a deusa *Ninsuna*, ligada à vida rural/pastoril. Ela exercia uma espécie de culto ao deus-sol: *Shamash*. Seu nome significa: “*Senhora das Vacas Selvagens*”, que tinha a habilidade de interpretar os sonhos (Anônimo, 2019). Na *lenda*, seus pais eram seres divinos e terrenos, simbolizando: o *céu* morada dos deuses imortais, com a *terra* morada dos seres mortais. *Gilgamesh* também é citado na *Lista dos Reis da Suméria*, como o 5º rei de Uruk que reinou por 126 anos (Budge, 2004). É importante dizer duas coisas:

QUADRO 5 – A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO HISTÓRICO NA CRIAÇÃO DO HERÓI

1. A época que a *Lista dos Reis da Suméria* foi escrita tinha como objetivo, legitimar o poder dos reis já estabelecidos nas cidades-estados e autossuficientes destacando: Ur, Uruk, Kish, Nippur, Umma e Lagash, tornando o ambiente para a produção do *Épico* (Anônimo, 2019, p 20).
2. A pessoa de *Gilgamesh* teria existido de fato, porém, o mito heroico se mistura com o indivíduo. Isso acontece, porque temos pouco material escrito sobre sua vida.

Fonte: Anônimo, 2019.

Na antiguidade, quando o *ser* torna-se *mito*, fica muito difícil separar aquilo que é lendário, daquilo que é histórico – e assim, muitos *heróis* têm sua paternidade ligada a alguém *mortal* e um *ser divino*. E isso era comum na literatura da antiguidade, acontecia o tempo todo com personalidades, como: *Jesus*, *Hércules*, *Perseu* e *Apolônio de Tiana*, que foi citado pelo Dr. Bart Ehrman (2014), alegando que seu nascimento se deu de forma milagrosa e que realizou prodígios, considerado a encarnação, do deus grego, *Proteu*. No mito Asteca, a deusa, *Coatlicue*, vivia no templo localizado no *Monte da Serpente*, em *Coatepec*, no México. Seu nome significa: “*saia de cobra*” (em referência a sua vestimenta). Certo dia em seus afazeres no templo, ela engravidou de um ser divino, em forma de *pássaro*. Sua gravidez milagrosa se deu *sem a presença masculina*, dando a luz mais tarde, ao deus,



Huitzilopochtli[7]. Na mitologia grega, Zeus em forma de cisne engravidou Leda, rainha de Esparta (Bulfinch, 2001). De acordo com Campbell, temos a união entre o céu (*pássaro*) representando a liberdade e a independência e a terra (*serpente*) (Campbell, 2000). Conclui-se que os mitos serviam para legitimizar uma mensagem. Ninguém iria prestar atenção, numa *divindade* que teve um nascimento corriqueiro e que levava uma vida normal.

Acredite quem quiser, mas alguns estudiosos defenderam a ideia de que os heróis tenham sido indivíduos destacados em suas sociedades e que a imaginação coletiva acabou por dotá-los de poderes extra-humanos (Feijó, 1984, p 17).

Os povos mesopotâmicos viam *Gilgamesh* e sua família como sendo seres divinizados, que mereciam ser cultuados, pois eram a ligação entre o *céu* e a *terra* e por isso, muitos reis desejavam *à força*, serem seus descendentes. Sabemos disso, porque há registros em louvor ao rei Ur-Nammu e seu filho, Shulgi, da 3ª Dinastia de Ur (2112-2003 a. C), que ambos consideravam-se descendentes de *Lugalbanda* e *Ninsuna*, ou seja, se diziam irmãos de *Gilgamesh*[8]. Ora... Shulgi foi “*declarado deus em vida, como foram reis posteriores*” (Kriwaczek, 2018, p 194). Esse culto à personalidade visava realizar uma propaganda, com o objetivo de impor autoridade aos povos vizinhos e evitar rebeliões internas. Para Feijó (1984) a elite que exerceu o poder: econômico, político, ideológico, para incidir no processo da criação do *herói*.

1.3.2 SUAS VISÕES

Então como já foi mencionado, o “*Épico de Gilgamesh*” é um conjunto de cinco textos que foram descobertos, em: Ur, Sippar e Nínive, em épocas diferentes, e que teve uma versão mais completa escrita no século XIII a. C por *Sîn-lēqi-unninni* (um exorcista e escriba), que deu o título para sua obra de: “*ša nagba īmuru*”, sendo transliterado significando: “*Aquele que viu o abismo*” (ou o fundamento da Terra). Na versão inglesa, *Gilgamesh* teria visto: “*coisas estranhas*”, ou que era: “*aquele que viu as profundezas*” ou que “*viu coisas misteriosas*” ou “*conheceu segredos*” e que “*percorreu nações*” e “*exauriu em trabalhos*” (Nancy Katharine Sandars - Anônimo,



2019, p 95). Estas citações acima são recorrentes e aparecem no início do texto servindo para dar suporte aos *eventos* que seriam apresentados ao longo da obra (veja o Quadro 3).

Observando o título da obra de *Sîn-lēqi-unninni* era: “*Aquele que viu o abismo*”. Nota-se alguma semelhança, com o trecho bíblico, que diz: “*no princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo*” (Gn 1:2 ACF). Comparando as duas citações, vemos que “*Deus*” (*El*) e *Gilgamesh* estavam próximos do *abismo* ou que viu além do *abismo* (algo impossível para um *mortal*).

No tocante a datação dos dois textos, podemos nos assegurar que a narrativa do *Gênesis* é recente, datada em 800-600 a. C, enquanto, o *Épico* teria sido escrito originalmente, no 3º milênio a. C, sendo, portanto, muito mais antigo. É possível que os escritores do *Gênesis*, tiveram influência destes textos mitológicos, pois eram muito mais antigos e isso ajuda a explicar suas semelhanças.

1.3.3 APARECIMENTO DE *ENKIDU*

Gilgamesh foi estudado pelo Dr. Emanuel Bouzon sugerindo que ele teria sido um grande rei mitológico. No *Épico* o descreve como um semideus tendo $2/3$ divino e $1/3$ humano, daí nota-se que não se tratava de uma pessoa qualquer.

O herói desta epopeia é *Gilgames*, um lendário rei sumério da primeira dinastia de Uruk, que teria vivido no período proto-dinástico II (2750-2600 a. C). Na lista de reis suméria, como quinto rei da primeira dinastia de Uruk, depois de *Lugalbanda* (Bouzon, 1996-1997, p 33).

Quando os deuses criaram *Gilgamesh*, deram-lhe um corpo perfeito. *Shamash*, o glorioso sol, dotou-o de grande beleza; *Adad*, o rei da tempestade, deu-lhe coragem. Os grandes deuses tornaram sua beleza perfeita, superior à todos os outros seres, terrível como um enorme touro selvagem. (Anônimo, 2019, p 95).

No *Épico*, *Gilgamesh* construiu a grande muralha de Uruk e o Eana (templo consagrado ao deus *An* e a deusa *Ishtar*). Estas maravilhas não poderiam ser



realizadas por meros humanos. Assim, *Gilgamesh* não tinha rival, sabendo disso, caiu em “excessos”. Mantinha relações sexuais com homens e mulheres. Do ponto de vista da população de Uruk, ele deixou de ser um guia (*pastor*), para seu povo, como teria sido seu pai, *Lugalbanda*. Dr. Jacynto Brandão (2015) comenta que *Gilgamesh* se entregava a prazeres sexuais e cobrava a *Jus Primae Noctis* prática medieval, em que o senhor feudal, tinha o direito de dormir com a noiva de seu servo, na primeira noite de núpcias.

Não há pai a quem tenha sobrado um filho, pois *Gilgamesh* os leva todos, até mesmo as crianças; e, no entanto, um rei deveria ser um pastor para seu povo. Sua luxúria não poupa um só virgem para seu amado; nem a filha do guerreiro nem a mulher do nobre; no entanto, é este o pastor da cidade, sábio, belo e resoluto (Anônimo, 2019, p 97).

Diante de tantos desmandos, o povo orou aos deuses para que tudo isso cessasse. O lamento foi ouvido pelo deus *An*, deus do firmamento, que pediu a deusa criadora, *Aruru*, que criasse “*um igual*” - que fosse parecido com *Gilgamesh*. Para que os dois se enfrentassem ou que se matassem, com o objetivo de deixar a cidade em paz: “*Tu, Arúru, fizeste a raça humana! Agora faze o que se disse: Que um coração tempestuoso se lhe oponha, Rivalizem entre si e Úruk fique em paz!*” (Brandão, 2015, p 109-110). Tal como *Adão* bíblico, criado por “*Deus*” (*El*), a deusa criou um ser do barro, ou da lama, ou do pó da Terra, simbolizando a origem do ser humano e de *Enkidu*.

Aruru, a deusa, então concebeu em sua mente uma *imagem* cuja *essência* era a mesma de *Anu*, o deus do firmamento. Ela mergulhou as mãos na água e tomou um pedaço de barro; ela o deixou cair na selva, e assim foi criado o nobre *Enkidu* (McCall, 1994. p. 39).

Neste caso, *Enkidu* é a *imagem* e *essência*, dos deuses mesopotâmicos, sendo, portanto, similar à criação de *Adão*, que era *imagem* e *semelhança* de “*Deus*” (*El*) – Gn 1:26 – ACF. *Enkidu* aqui simbolizando a vida selvagem, comia grama, junto aos animais e rondava os poços d’água. Daí o significado de seu nome, que seria: Senhor (*En*) do bom (*du*) lugar/terra (*ki*), sendo traduzido: o *Senhor da boa Terra*. O texto



prossegue se referindo à *Enkidu* tendo as virtudes dos deuses: *Ninurta* deus da guerra e *Nisaba*, a deusa dos grãos. E ele “*era inocente a respeito do homem e nada conhecia do cultivo da terra*” (Anônimo, 2019, p 98), sendo parecido com *Adão*, devido:

QUADRO 6 – SEMELHANÇAS ENTRE ADÃO E ENKIDU

1. Barro era uma matéria-prima utilizada no mundo antigo, pois se criava: tijolos, lamparinas, vasos de cerâmica, tabuletas cuneiformes e tijolos cozidos, para a construção de Templos.
2. Após a morte, o corpo humano entrava em estado de decomposição, tornando-se pó. Algo que vemos em **Gn 2: 19**, após “*Deus*” (*El*) censurar *Adão*, por comer do fruto dizendo: “*tu és pó*”.
3. Ambos os personagens são a *imagem e semelhança* de seus criadores.

Aqui vemos as semelhanças entre *Enkidu* e *Adão*. Os dois personagens criados a partir do barro. Fonte: Bíblia Sagrada, 1995 (ACF) e Anônimo, 2019.

1.3.4 - INIMIGOS E AMIGOS

O texto segue dizendo, que num certo dia, um caçador teve o contato visual com *Enkidu*, e ficou muito aterrorizado, por ser muito diferente dos homens. E voltou para casa e falou com seu pai sobre o que teria visto. E a sugestão proposta pelo pai do caçador era consultar *Gilgamesh*, que a meu ver desde o início, desdenhou-se desse problema ou ignorou-o. Mas foi avisado da chegada de *Enkidu* a Uruk. Ele teve dois sonhos que foram profetizados por sua mãe, *Ninsuna*.

Seja como for, *Gilgamesh* disse ao caçador para levar uma rameira, filha do prazer chamada, *Shamhat* para ser levada ao poço d'água e uma vez ali, ela deveria ficar desnuda, para que então os dois ficassem juntos, para que assim: “*os animais da selva certamente passarão a repudiá-lo*” (Anônimo, 2019, p 100). Resumindo, o caçador e a rameira ficaram por 3 dias aguardando a chegada de *Enkidu* e quando chegou, a moça ficou desnuda e os dois ficaram juntos por 6 dias e 6 noites. Passados os dias, *Enkidu* queria retornar a sua antiga rotina e percebeu que perdeu sua *inocência*:

Perdera sua rapidez e agilidade. E todas as criaturas da selva fugiram; *Enkidu* perdera sua força, pois agora tinha o conhecimento dentro de si, e os pensamentos do homem ocupavam seu coração (Anônimo, 2019, p 101).



Observe-se como fica claro o papel que tem o sexo para fazer com que *Enkidu* deixe o estado de “*homem primevo*”, que é como traduzo *lullû amēlu*[9] (Brandão, 2015, p 111).

Ao que parece, o ato sexual está relacionado com a perda da inocência. Há algumas semelhanças na Bíblia Hebraica (Gênesis) com o Épico, em que *Shamhat* teria dito “*És sábio, Enkidu, e agora te tornas-te semelhante a um deus*” (Anônimo, 2019, p 101), muito parecido com o texto bíblico, que diz: “*Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, conhecendo o bem e o mal*” (Gn 3: 22 - ACF).

Jacyntho Brandão (2015) citou a tese da Dra. Erica Reiner, que *Shamhat* ajudou *Enkidu* passar por duas etapas a 1ª - *Humanização* que ocorre pelo sexo e a 2ª *Civilização* que ocorre graças *Shamhat*, que ensina Enkidu como se portar, a forma correta de comer pão, beber leite, vinho e cerveja (consumidas sete vezes). Escovar os cabelos e vestir roupas humanas.

O texto segue dizendo que Enkidu caçava leões para proteger os pastores (similar às histórias de *Hércules* e o leão de *Nemeia* e de *Sansão*, que matou um leão – Juízes 14: 6 – Bíblia Hebraica: ACF). Ele se sentia útil ajudando os pastores. Parece que no mito, *Enkidu* simbolizava a liderança, um exemplo de *pastor e líder*, expulsando o mal (os leões representados pelo descontrole da natureza). *Enkidu* pediu à rameira, que o levasse até Uruk e ali desafiasse *Gilgamesh* para “*mudar a velha ordem*”. Esse era o objetivo dos deuses, que houvesse um embate entre os dois, para que assim, a cidade ficasse em paz. O que motivo sua ida até Uruk foi o fato de ter encontrado com um homem, um trabalhador e escutou seu lamento.

“Senhor aonde vai nesta fatigante jornada?” O homem respondeu, falando a Enkidu: “Gilgamesh foi para o templo do casamento e não deixa que o povo lá entre. Ele faz coisas estranhas em Uruk, a cidade das grandes ruas. Ao rufar dos tambores, os homens e as mulheres começam a trabalhar. Gilgamesh o rei está prestes a celebrar as núpcias com a rainha do amor, e ele ainda insiste em estar primeiro com a noiva; primeiro o rei, depois o marido, pois ainda ordenaram os deuses desde a época de seu nascimento, quando lhe foi cortado o cordão umbilical” (Anônimo, 2019, p 105).



Ouvindo este depoimento e a prática da: *Jus Primae noctis*, já comentada por Brandão (2015), *Enkidu* partiu para Uruk com objetivo de enfrentar *Gilgamesh* e “mudar a velha ordem” – os dois lutam como dois touros e no fim, *Gilgamesh* derruba *Enkidu*, e ao que parece os dois tornaram-se amigos, algo que os deuses não previram. Tornaram-se amigos porque “*agora Gilgamesh encontrou um rival a sua altura*” segundo as palavras de *Enkidu*. E Uruk estava em paz (por enquanto).

1.3.5 OS AVENTUREIROS

O texto segue dizendo, que os dois amigos unem-se com o objetivo de lutar contra *Humbaba*, o guardião da floresta de cedros (Líbano), similar ao *ogro*. Desde o momento, que *Enkidu* ficou com *Shamhat*, ele perdera sua força: “*sinto-me fraco, meus braços perderam sua força e o grito de dor está preso em minha garganta e o ócio me oprime*” (Anônimo, 2019, p 108). Isso seria o sinal do processo de envelhecimento. E sua angústia foi sentida por *Gilgamesh*, mas mesmo assim, tentou animar o amigo, em derrotar *Humbaba*, que possuía sete qualidades: rugido forte, boca grande, hálito de fogo, mandíbulas fortes, excelente audição, corpo de aríete e jamais dorme. Segundo o mito, a floresta possuía 10 léguas para todos os lados e o próprio, deus *Enlil*, designou *Humbaba* como guardião. Antes da partida, os dois amigos fizeram um ritual e ofereceu sacrifícios, ao deus-sol *Shamash*. Segundo Campbell, antes dos caçadores, independentemente de ser bosquímanos da África ou nativos americanos saírem para a caça, eles realizavam cerimônias e ritos, para que os deuses abençoe a empreitada. Desta forma, “*a caçada é um ritual*” (Campbell, 2000, p 76-77). O que me parece é que *Gilgamesh* e *Enkidu* desejavam uma aprovação de seus deuses, para realizar sua caça. É claro, que eles saem vitoriosos, pois *Shamash* teria dito: “*avante não temas*”, *Humbaba* foi morto para raiva de *Enlil*, que amaldiçoou essa aventura.

Com a vitória sob *Humbaba*, os dois amigos retornaram a Uruk, despertando o desejo sexual da deusa, *Ishtar*, que queria *Gilgamesh* como seu consorte, ela havia dito: “*reis, tiranos e príncipes se curvarão a tua presença e pagarão tributos das montanhas e das planícies*” (Anônimo, 2019, p 127), caso *Gilgamesh* aceitasse ser seu amante.



Mas, com certa prudência o herói recusou a investida. Analisando a frase acima, se assemelha com a oferta de *Satanás* a *Jesus*, quando foi tentado no deserto.

E o diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero. Portanto, se tu me adorares tudo será teu (ACF, 1995 Lucas 4:5-7).

Gilgamesh recusou a oferta da deusa. *Ishtar* ficou furiosa. Ela desejava destruí-lo. E mentiu para seu pai, *An*, dizendo que *Gilgamesh* teria a insultado. A deusa desejava enviar o *Touro do Céu* para que pudesse lutar e matar *Gilgamesh*. Caso, *Anu* se recusasse a entregar o touro, ela iria:

Destruir os portões do inferno e despedaçarei seus ferrolhos; haverá confusão entre os seres que estão nas camadas superiores e os estão nas profundezas da terra. Trarei os mortos para cima, para que se alimentem como os vivos e a hoste dos mortos será mais numerosa que as dos vivos (Anônimo, 2019, p 130).

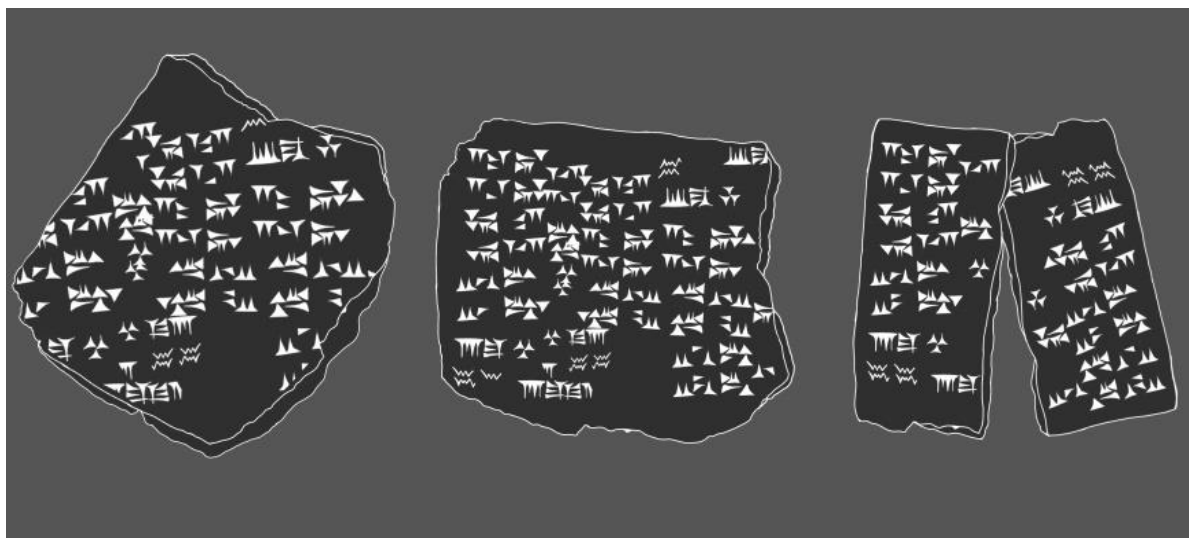
Por fim, o *Touro Celeste* foi enviado para matar *Gilgamesh* e *Enkidu* e os dois conseguem matar o bicho, e realizou-se um rito de agradecimento (retirando o coração para oferecer ao deus, *Shamash*). Vemos aqui, o *ritual de caça*, que acontece para pacificar e agradecer o animal (Campbell, 2000). Em muitas culturas, o *Touro* é um animal que simboliza força, masculinidade e resistência. Voltando ao *Épico*, *Enkidu* se excede. É dito que ele arrancou a coxa direita do touro e jogou contra a deusa (que se sentiu humilhada, em público). *Ishtar* convocou as moças do *Eana* (templo) para orarem e fazerem um velório do Touro, representado pela coxa direita. Segundo Brandão (2015, p 115), o texto a seguir se perdeu e não se sabe o que teria ocorrido, supõe-se que deveria se tratar da morte de *Enkidu*. *Ishtar* que foi desprezada publicamente desejava por retaliação. Nos dias seguintes, *Enkidu* viu por meio de um sonho, o seu fim: “*Anu, Enlil, Ea e o glorioso Shamash se reuniram em um conselho para decidir sobre a vida dos dois amigos*” (Anônimo, 2019, p 132). Na antiguidade, o canal de entre os deuses e os homens, se dava por meio de sonhos, sendo muito comum entre as sociedades do Oriente Antigo.



Os sonhos apresentam-se com inúmeras funções para os humanos ao longo da história: forma de conhecimento, meio de previsão do futuro, veículo de comunicação com os deuses, espaço de teofania, campo de simbolização e analogia, via de acesso para o inconsciente, etc. (MENESES, 2000). Na antiguidade clássica os sonhos eram vistos como manifestações de seres sobre-humanos, como deuses ou demônios, que tinham por finalidade prever o futuro (Carnin, Carvalho e Oliveira, 2014, p 176).

A morte de *Humbaba*. A morte do *Touro Celestial* e a humilhação sofrida por *Ishtar* denotava era uma ofensa grave e uma afronta aos deuses. Vemos que os dois personagens desafiavam a ordem cósmica. Assim, deveria haver uma compensação pelos danos causados aos deuses. Com isso, os deuses deveriam se reunir, em conselho para decidir o que fazer com: *Gilgamesh* e *Enkidu*. Então é necessário dizer três coisas, sobre as divindades mesopotâmicas: 1º - os deuses tinham características humanas, podendo ser: mentirosos, irados, ciumentos, e eram imortais; 2º legitimação referente à *lei do talião* – qualquer dano causado pelo réu deveria ser compensado pela vítima (a base das leis mesopotâmicas, como: o *Código de Hamurabi*); 3º no mito, os deuses se reúnem em *conselho* para tomar decisão conjunta. Foi decidido que *Enkidu* deveria morrer, sendo tomado por uma doença e 12 dias depois, faleceu.

FIGURA 1 - Representação artística do *Épico de Gilgamesh* à 1ª imagem à esquerda, o *Mito de Adapa* ao centro e a 3ª imagem à direita o *Enuma Elish* encontrado na Biblioteca real de Ninive, de Assurbanipal



Fonte: Farah, 2023, p 44. Ilustração de Igor Santana Luiz.

1.3.5.1 NUMEROLOGIA DO ÉPICO

Ao longo do texto, há uma repetição de vários números. Mas vamos ater apenas ao número *sete*, que aparece com frequência. Por exemplo, quando *Enkidu* comeu pão, bebeu leite e vinho *sete* vezes (Anônimo, 2019). Quando *Gilgamesh* e *Enkidu* atravessarem as *sete* montanhas (Bouzon, 1996-1997), para chegar até a *Floresta de Cedros*, na morada do guardião, *Humbaba* que tinha *sete* características (dadas por *Enlil*, que após sua morte, as devolveu a natureza). *Gilgamesh* e *Enkidu* na luta contra *Humbaba*, este lançou seu brilho *sete* vezes. No que se refere ao evento do *Touro Celestial*, o deus, *Anu* advertiu *Ishar*, se caso o *Touro* fosse a Uruk “*haveria sete anos de seca*”. E o luto de *Gilgamesh* pela morte de seu amigo, durou *sete* dias e *sete* noites. E na parte final do *Épico*, quando *Gilgamesh* consegue encontrar *Utanapistin*, dormiu por *sete* dias.

Em outras mitologias mesopotâmicas, como: *A Descida de Ishtar, ao Mundo dos Mortos*, a deusa teve de atravessar *sete* portais até chegar ao *Palácio de Ganzer* no



Kurnugu, a morada dos mortos, governado por sua irmã *Ereshkigal* (Brandão, 2019). Em outro mito mesopotâmico, *Adapa*, um dos sete sábios e sacerdote de *Ea*, estava em seu barco, pescando até que o *Vento Sul* passou e virou seu barco, jogando-o nas águas do rio Eufrates. Assim, amaldiçoou o *Vento Sul* e por sete dias o vento deixou de soprar na região (McCall, 1994). Segundo o *Enuma Elish* o mito da Criação Mesopotâmica, o mundo foi criado por sete etapas, não em dias, mais sim, estágios.

A explicação mais lógica que podemos dizer sobre a simbologia do número *sete*, foi estabelecida pelos sumérios, que observaram o céu e estudaram os movimentos dos astros e a partir disso criaram um *calendário* baseando-se em ciclos repetitivos lunares, divididos nas quatro fases: *Nova*, *Crescente*, *Minguante* e *Cheia*. Cada fase tem a duração de uma semana ou *sete* dias. Por conta disso, originou-se a sacralidade, pois ao final de cada semana era considerado *dia sagrado*, sugerido por Fábio Sabino (Sabino, DVD, s/d). E o final da última fase lunar, coincide com o término do mês. É por isso, que os meses mesopotâmicos, não têm menos de 28 dias. O ano sumério foi dividido em 12 meses de 30 dias, num total de 354 dias, ao invés de 365 dias. Concluimos então, que todo simbolismo do número *sete* esteja relacionado às fases lunares, que mais tarde os hebreus absorveram esse costume devido ao contato com os babilônicos no evento do “*Cativeiro da Babilônia*”.

1.3.5.2 O LUTO E A BUSCA DA IMORTALIDADE

A morte de *Enkidu*, fez com que *Gilgamesh* ficasse de luto por *sete* dias e *sete* noites. E seu cadáver estava se decompondo, assim *Gilgamesh* disse: “*quero gritar para que todos ouçam! O amigo que me era tão caro tornou-se pó; Enkidu, o meu amigo, tornou-se como argila*” (Mella, s/d, p. 61), isso é referência à criação/decomposição do homem, citada na Bíblia: “*porquanto és pó e em pó te tornarás*” (Gn 2: 19).

Os povos da Mesopotâmia acreditavam, que quando uma pessoa morria, iria para o local chamado de: *Kurnugu* ou *Irkalla*. De acordo com o texto: *Descida de Isthar ao mundo inferior* (*Kurnugu: A Terra sem Retorno - Ana Kurnugê Qaqqari la Târi*), traduzido para o português, por Jacyntho Brandão faz a descrição deste lugar:



A casa trevosa, sede do *Irkalla*. A Casa onde Ingressa não sai. A trilha aonde quem vai não volta. A casa onde quem ingressa é privado de luz, em que seu sustento é o pó, seu manjar é o barro. Luz não podem ver, na escuridão habitam (Brandão, 2019, p 27).

Já no Mito, *Enkidu* comenta com *Gilgamesh*, sobre a geografia do *Kurnugu*, que é um local diferente do mundo dos vivos: “a casa dos moradores privados de luz, em que o pó é seu sustento e barro seu manjar” (Anônimo, 2019, p 136). Este trecho também aparece na Bíblia Hebraica, no Livro de Jó, sugerindo que o mundo dos mortos é escuro similar aos textos mais antigos, vindos da Mesopotâmia:

Antes que eu vá para o lugar do qual não há retorno, para a terra de sombras e densas trevas, para a terra tenebrosa como a noite, terra de trevas e de caos, onde até mesmo a luz é escuridão (ACF, 1995 - Jó 10:21-22).

A citação acima sugere que teria havido trocas culturais entre os povos semitas, da Mesopotâmia com a região de Canaã. Tantos mesopotâmicos, como os hebreus tinha a noção de que o mundo dos mortos era terrível, tanto que no *Épico*, *Gilgamesh* lembrou que um mortal, que se tornou imortal, seu nome: *Utanapistin*, o *Longínquo* (em referência a idade e o local que vivia). E partiu em busca da imortalidade (mais uma vez, *Gilgamesh* estava desafiando a ordem divina).

Gilgamesh durante o percurso, não dormia e nem descansava, estando focado na missão de ir até *Utanapistin*. Vagou pelo mundo, atravessou a Grande Montanha (*Mashu*) guardada por: *homens-escorpião* - que indicaram uma passagem por dentro da montanha, uma caverna de 12 léguas de distância até chegar ao *Jardim dos Deuses*, guardado por *Siduri-Sabitu*, e lá encontrou o deus-sol, *Shamash*. Para falar a verdade, o autor do *Épico*, mostra sua devoção a este deus, estando presente até no nascimento. Na aventura da Floresta de Cedros. A *ele* foi oferecido o coração do Touro Celestial. Com a morte de *Enkidu*, *Gilgamesh* encomendou uma estátua e ofereceu ao deus-sol. Na assembleia dos deuses, que resolveu o destino de *Enkidu*, *Shamash* foi chamado de “*glorioso*”, e finalmente, é visto por *Gilgamesh* no *Jardim dos deuses*. No texto, *Gilgamesh* encontrou diversos personagens que falavam elementos comuns, como: *cansaço*, *abatimento*, e *realizar tão longa jornada*, que



demonstra sua *humanidade*, deixando de ser alguém de status semidivino, para uma pessoa comum, veja o quadro 7:

QUADRO 7 – AS FALAS REPETITIVAS

1. Por que fizeste tão longa jornada? Por que viajasse de tão longe, cruzando o perigo dos mares? Dito pelos *Homens-escorpião*.
2. Seu rosto era de como de alguém que chegou de uma longa jornada. Dito por *Siduri-Sabitu*.
3. Por que tens as faces tão encovadas e um rosto tão abatido? Dito por *Siduri-Sabitu*.
4. Por que tens as faces tão encovadas e o rosto tão abatido? Dito por *Ur-Shanabi*.
5. ... “*Tu que chega vestido com pele de animal com as bochechas famintas e o rosto abatido? Por que fizeste tão longa jornada atravessando os mares*”. Dito por *Utanapistin*, o *Longínquo*.

Fonte: Anônimo, 2019.

No tocante a busca da imortalidade, o texto cita a existência de um barqueiro, chamado *Ur-Shanabi* que fazia a travessia pelo Grande Oceano, até onde morava *Utanapistin*, o *Longínquo*. *Gilgamesh* conseguiu convencer o barqueiro, para levá-lo até seu destino, e quando o herói o encontra e pede a ele, a imortalidade. Aqui ocorre, uma última tarefa. Para ter a imortalidade, *Gilgamesh* deveria ficar acordado por seis dias e sete noites (Anônimo, 2019), mas ele não aguentou e dormiu. Com o objetivo de provar que *Gilgamesh* havia dormido por esse tempo, *Utanapistin* pediu a sua esposa, para assar um pão para cada dia de sono. E *Gilgamesh* falha e não obtém a imortalidade. Porém, a esposa de *Utanapistin*, ficou com muita pena do herói diz que Farah afirma que:

Existia uma “*planta/fruto*” que era responsável pela “*eterna juventude*”. Mas, essa “*planta/fruto*” estava no fundo do mar (MELLA, s/d, p. 64). Então, *Gilgamesh* amarrou duas pedras em seus pés e se jogou no mar profundo e conseguiu pegar a tal “*planta/fruto*” (Farah, 2023, p 58).

Com esta *planta/fruto* *Gilgamesh* poderia ser “*Shibu issahir amelu*” que significa: “o velho homem torna-se jovem [novamente]” (Budge, 2004, p 84). Mas, a jornada de *Gilgamesh* de obter a imortalidade ia de encontro com as normas divinas, que negava a humanidade a eternidade. No livro: “*O Poder do Mito*” Campbell alegava que a



imortalidade é tediosa e monótona, pois negaria a dualidade da existência: bom-mal, verdadeiro-falso, homem-mulher, sim-não, eu-ele e assim por diante (Campbell, 2000). Sabendo disso, o próprio *Utanapistin* não queria que *Gilgamesh* se tornasse imortal, dizendo para sua esposa que “*todos os homens são impostores*” (Anônimo, 2019, p 165), isso se assemelha com a ideia da *Queda do Jardim do Éden*. No que diz respeito à *Gilgamesh* em obter a *planta/fruto*, foi por um breve período de tempo. No retorno para sua cidade, Uruk, o herói resolveu banhar-se numa lagoa próxima e uma serpente fagueira a *planta/fruto* e a come. Assim, *Gilgamesh* perde a *planta/fruto* e chora e se lamenta. Campbell (2000) sugere que:

O poder da vida leva a serpente a se desfazer de sua pele, exatamente como a lua se desfaz da própria sombra. A serpente se desfaz da pele para renascer, assim, como a lua se desfaz da sombra para renascer (Campbell, 2000, p 47).

O texto finaliza dizendo, que: “*o destino decretado por Enlil da Montanha, o pai dos deuses foi cumprido*”, ou seja, não haveria nenhuma chance de *Gilgamesh* conseguir aquilo que desejava. Mas, pela lei da *compensação*, foi lhe dado o trono para reinar, entre os homens.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os textos a respeito de *Gilgamesh*, nos deparamos com diversos elementos comuns entre o *Gênesis*, o próprio *Épico* e mitos relacionados ao herói. Por mais que nossa pesquisa fosse bibliográfica, tal análise foi notada, visto no Quadro 8:

QUADRO 8 – ELEMENTOS COMUNS VISTO NO GÊNESIS E NOS MITOS MESOPOTÂMICOS:

1. Criação e morte humana vinda do meio do barro e do pó (*Enkidu/Adão*);
2. A ideia da *Queda/Perda* da inocência através da mulher;
3. A existência de um *Jardim dos Deuses* com frutos maravilhosos;
4. A existência de um *fruto/planta* que dá a eterna juventude;
5. A existência de uma árvore (*Huluppu*) no *Jardim sagrado*, estando no *Axis Mundi*;



6. A serpente que habita na árvore (*Huluppu*) e também habita o *Jardim do Éden*, responsável por *Gilgamesh* perder a eterna juventude, e também responsável que queda humana;
7. A ideia de que os sonhos servem para contatar com os deuses
8. A simbologia voltada para o número *sete*, considerado sagrado para os sumérios e hebreus e daí surge à observação do sábado (*sabbath*);

Fonte Bíblia Sagrada (ACF), 1995 e Anônimo, 2019.

Nosso objetivo com esta pesquisa seria de demonstrar que havia influências mitológicas, entre a região de Canaã e a Mesopotâmia, que de algum modo influenciou os autores do Gênesis em descrever suas histórias mitológicas, daí vemos uma estrutura textual similar, no que tange o mundo dos mortos, a existência de frutos e jardins dos deuses. Acredito que fomos felizes em descrever a abordagem do *Monomito* inserido no *Épico de Gilgamesh*, que foi escrito por volta do 3º milênio a. C, sendo, portanto, o texto mais antigo, que qualquer relato bíblico.

Podemos concluir que as análises sobre o *Épico* obedeceu as premissas da *Jornada do Herói* proposta por Campbell. Ele, o personagem que vivia em sua zona de conforto, parte para uma aventura e que depois de um tempo, retorna ao ponto de partida - retorna para sua comunidade, mas sua personalidade não é mais a mesma. O *Épico* alimentou gerações, servindo de propaganda para a realeza de Ur-III manter seu *Status Quo*, afirmando que os reis eram descendentes de *Gilgamesh*. O herói serve a um propósito estatal, sendo conveniente para as elites, se perpetuarem no poder. *Gilgamesh* conseguiu sua imortalidade, não do jeito que queria, mas sendo expressa na escrita cuneiforme, que foi traduzida para outras línguas ao redor do mundo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA Corrigida Fiel. ACF. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitária do Brasil, 1995.

ABREU, Aurélio M. G. **Civilizações que o Mundo Esqueceu**. In: Ilha de Páscoa. São Paulo: Hemus, s/d. P 195-204.



ANÔNIMO. **A Epopeia de Gilgamesh**. 3ª edição. Tradução de Nancy K. Sandars. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

ANÔNIMO. **Epopeia da Criação**: Enuma Elish. Tradução Jacynto Lins Brandão, Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

BRANDÃO, Jacynto Lins. Como se faz Um Herói: As Linhas de Força do Poema de *Gilgamesh*. Belo Horizonte: **Revista Dossiê**: O Mundo Antigo: Literatura e Historiografia. Volume 8, nº 1, janeiro-julho de 2015.

BRANDÃO, Jacynto Lins. **Ao Kurnugu, Terra Sem Retorno**. Curitiba: Kotter, 2019.

BOUZON, Emanuel - A saga de Gilgames e suas fontes. **Revista Cadmo do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa**, Ed. Colibri. Volume 6-7, 1996-1997, p 31-61.

BUDGE, E. A. Wallis. **A Versão Babilônica sobre o Dilúvio e a Epopeia de Gilgamesh**. São Paulo: Midras, 2004.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia**: Histórias de Deuses e Heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito. Entrevista por Bill Moyers**. São Paulo: Palas Athena, 18ª edição, 2000.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CARNIN, Cleiton Samir, CARVALHO, Afonso E OLIVEIRA, Ana Maria Moreno. O Sonho Como Manifestação Do Inconsciente Em "Alice No País Das Maravilhas". **Akrópolis, Umuarama**, v. 22, n. 2, p. 173-185, jul./dez. 2014.

COE, Michael; SONW, Dean e Benson, Elizabeth. **América Antiga**. In: Quinta Parte: América do Sul. Barcelona: Fólio, 2006. P 153-205.

COHAT, Yves. **Os Vikings, reis do mundo**. Lisboa: Civilizações. Coleção Círculo de Leitores: 1991.

DURSCHMIED, Erik. **Como a Natureza Mudou a História**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

EHRMAN, Bart. **Como Jesus se Tornou Deus**. São Paulo: Leya, 2014.

FARAH, Leonardo de Castro. **Origem Biológica x Origem Religiosa do Ser Humano**. São Paulo: UICLAP, 2023.

FEIJÓ, Martin Cézar. **O que é Herói?** São Paulo, Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense, N° 139, 1984.



GADOTTI, Alhena. **Gilgamesh, Enkidu, and the Netherworld and the Sumerian Gilgamesh Cycle**. Berlim: De Gruyter, 2014.

JONES, Gwyn. **A History of the Vikings**. 2ª edition. London: Oxford Press. 1984.

KRAMER, Samuel N. **Gilgamesh and the Huluppu-Tree**. Chicago: University of Chicago Press. In: The Oriental Institute of University of Chicago, 1938.

KRIWACEZK, Paul. **Babilônia: A Mesopotâmia e o Nascimento da Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

McCALL, Henrietta. **O Passado Lendário: Mitos da Mesopotâmia**. São Paulo: Moraes, 1994.

MELLA, Frederico A. Arbório. **Dos Sumérios a Babel**. São Paulo: Hemus. s/d.

NETO, José Alves de Freitas e TASINAFIO, Célio Ricardo. **História Geral e do Brasil**. In: Capítulo 36 - O Imperialismo Europeu. 3ª ed. São Paulo: Harbras, 2016. P 577-595.

SABINO, Fábio. **Sábado: uma Criação ou Adaptação dos Judeus?** DVD, Linguagem: Português. Brasil. s/d, 32 min: 04 seg.

APÊNDICE - NOTA DE RODAPÉ

2. Monomito é um termo criado por Joseph Campbell sendo uma junção de duas palavras gregas: mono = um e mythós = estória folclórica.

3. É um termo em latim, criado por Mircea Eliade, que significa: centro do mundo.

4. <https://www.mitografias.com.br/2016/07/a-arvore-huluppu/> - o Dr. Samuel Kramer, em 1938 publicou um artigo tratando deste assunto na Sociedade de Estudos Assírios, pela Universidade de Chicago.

5. Jacyntho Brandão foi o tradutor do livro de Sîn-lêqi-unninni, Epopeia de Gilgamesh, Autêntica, 2017.

6. A Lista foi escrita em língua suméria, entre o período acadiano (2334 a. C) e o período paleobabilônico (1750 a. C), e que enumera os reis das cidades mais importantes da Mesopotâmia.



7. Documentário do History Channel: Coatlicue: Confronto dos Deuses – América Latina <https://www.youtube.com/watch?v=gIA0hmuxpXI&t=538s>.

8. Graças ao Electronic Text Corpus of Sumerian Literature (ETCSL) da Universidade de Oxford, traduziu 400 textos literários sumérios - <https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/> entre eles, “Um poema em Louvor de Šulgi”.

9. Brandão (2015) usa o termo lullu amēlu, similar ao sinônimo de awīlu que significa: homem-livre.

Material recebido: 23 de setembro de 2024.

Material aprovado pelos pares: 07 de janeiro de 2025.

Material editado aprovado pelos autores: 16 de setembro de 2025.

¹ Professor de História do Ensino Fundamental II e Ensino Médio em Nova Viçosa-BA. Pós-graduado “Latu Senu” em Arqueologia, Cultura e Sociedade pela Faculdade Líbano. Pós-graduado “Latu Senu” em Antropologia pela Faculdade Líbano. Pós-graduado “Latu Senu” em História da América pela Faculdade Metropolitana. Pós-graduado “Latu Senu” em História Antiga, Medieval e Moderna pela Faculdade Metropolitana. Pós-graduado “Latu Senu” em Educação em História e Geografia pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Pós-graduado “Latu Senu” em Educação em História pela Faculdade Luso-Capixaba. Pós-graduado “Latu Senu” em Educação em Sociologia, pela FINOM (Faculdade Noroeste de Minas). Graduação concluída, em História pela UNI-BH – Centro Universitário de Belo Horizonte. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4776-0472>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8155506395125519>.